

RESENHA

USARSKI, Frank. **O Budismo e as outras**. Encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Aparecida: Idéias e Letras, 2009. 304 p.

André Otávio Assis Muniz¹

Credenciais do autor (informadas no livro)

Doutor com tese sobre os mecanismos e motivos da estigmatização pública de Novos Movimentos Religiosos na Alemanha Ocidental (1987) e pós-doutorado (1992-1993) na área de Ciências da Religião pela Universidade de Hannover (Alemanha). Desde sua chegada ao Brasil, em 1998, faz parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP. Em 2009, obteve o título de livre-docente na área de Ciências da Religião pela PUC-SP. Entre suas atividades acadêmicas, destacam-se a pesquisa, o ensino e as diversas publicações sobre as religiões orientais, bem como sobre a história e o perfil atual das Ciências da Religião. Além disso, é fundador e coordenador da Revista de Estudos da Religião (REVER) e líder do grupo de pesquisa Centro de Estudos de Religiões Alternativas de Origem Oriental no Brasil (CERAL).

Digesto

O Prof. Dr. Frank Usarski oferece a seu público-leitor mais uma obra que trata do mundo das religiões orientais através da visão característica das Ciências da Religião. Trata-se da publicação adaptada de sua tese de livre-docência na PUC-SP, defendida em 2009. O Prof. Usarski tem diversas publicações sobre o assunto, que vão desde as análises estatísticas, passando pela filosofia, até a história das religiões orientais.

O livro do Prof. Usarski divide-se em quatro capítulos, que, por sua vez, são divididos em diversos subitens que facilitam didaticamente a leitura. A obra é realmente abrangente e portadora de um ineditismo muito bem-vindo entre as publicações do gênero em língua portuguesa.

Utilizando-se de uma vasta bibliografia em inglês e alemão, várias informações até então inéditas em português são transmitidas ao leitor em um estilo claro e de leitura agradável.

¹ Mestrando em Ciências da Religião pela PUC-SP, Acharya (mestre do Dharma) e Sacerdote Presidente da Organização Religiosa Budista Tendai Hôkke Ichijô Ryu do Brasil. andrefreemason@yahoo.com.br

Sem deixar de lado nenhum ponto principal da história, ele discorre metodicamente sobre longos períodos, sem se tornar cansativo.

Temática

Os temas centrais tratados no livro são:

1. Constituintes históricas e doutrinárias do olhar do budismo para outras religiões;
2. Cenários históricos da relação entre o budismo e outras religiões mundiais;
3. O espectro de posturas do budismo diante de desafios inter-religiosos;
4. Divergências substanciais entre o budismo e outras religiões mundiais.

No primeiro capítulo, o autor traça um panorama sobre a doutrina budista, sua formação e a história das diversas ramificações a que o budismo primitivo deu origem, citando, em linhas gerais, as principais dentre elas.

No segundo capítulo, com certeza um dos mais interessantes, o relato pontual dos encontros entre diversas ramificações e comunidades budistas com outras religiões, presenteia o leitor com uma abrangente descrição do impacto causado pelo encontro com “o outro”, ou seja, de um lado os budistas de diversos países e ramificações; de outro, hindus, judeus, cristãos e muçulmanos.

Uma das partes mais empolgantes do segundo capítulo é o relato dos acalorados debates doutrinários ocorridos, principalmente entre os missionários cristãos e os sacerdotes budistas.

O terceiro capítulo expõe uma instigante explanação sobre as estratégias de abordagem e debate utilizados pelos budistas.

Demonstrando uma enorme pluralidade de posturas, que vão desde a abertura para o diálogo inter-religioso até a rejeição explícita dos interlocutores não-budistas, o capítulo introduz o leitor a uma visão bem menos romantizada do budismo do que, geralmente, não-especialistas no tema tendem a ter.

O quarto e último capítulo demonstra as divergências substanciais existentes entre o budismo e o hinduísmo, o judaísmo, o cristianismo e o islã.

Ao contrário do que uma visão “romantizada” tende a enxergar, o budismo não é uma religião “sem ossos”, que a tudo se adapta, que aceita tudo, agregando com imensa facilidade elementos de outras religiões. Isso fica bem claro à medida que vamos percorrendo os diversos temas tratados no quarto capítulo.

O autor, ao traçar suas conclusões finais, demonstra que o olhar científico não pode partilhar dos mesmos preconceitos do olhar não-técnico, mesmo que esses preconceitos estejam imbuídos do desejo de harmonia e paz no mundo.

Metodologia da autoria

O Prof. Usarski utilizou um método histórico-comparativo para traçar linhas gerais sobre o budismo e suas relações com o hinduísmo, o judaísmo, o cristianismo e o islã.

A coleção de informações sobre o panorama geral para se chegar às conclusões indica um método dedutivo de raciocínio que utilizou uma vasta consulta bibliográfica como técnica, estribada, logicamente, na longa experiência do autor com o tema.

Quadro de referência da autoria

O livro é escrito a partir do referencial das Ciências da Religião. Não é uma obra apologética, teológica, filosófica ou histórica. Analisa as religiões de modo a compreendê-las como um fenômeno social e antropológico, de uma perspectiva crítica desapaixonada e completamente isenta de pendores para uma ou outra ideia doutrinária, filosófica, etc.

Cientistas da religião não analisam fenômenos religiosos com a mesma lente que os teólogos, que os filósofos ou mesmo os antropólogos. Cientistas da religião têm um modo próprio de análise, um instrumental próprio e objetivos diferentes dos cientistas de outras áreas. É preciso manter isso em mente para que se compreenda bem o quadro de referência teórica do Prof. Usarski.

Apreciação

A primeira frase a ser dita sobre a obra é: Vale a pena ser lida.

Um poucas observações de cunho histórico e doutrinário merecem ser feitas, senão a presente resenha se tornaria apenas um resumo laudatório do livro.

O autor utilizou fontes bibliográficas que trazem traduções, ou traduções de traduções, das fontes escriturísticas budistas. Isso está mais evidente no primeiro capítulo da obra.

Como já tivemos oportunidade de frisar, o livro não é uma obra doutrinária ou filosófica, portanto não se presta a aprofundamentos doutrinários no budismo.

O objetivo do autor é traçar um panorama doutrinário-filosófico geral para, em seguida, mergulhar na questão das intersecções históricas entre o budismo e as outras religiões mundiais, objetivo esse que é plenamente atingido pelo livro.

Alguns pontos doutrinários apresentados refletem erros de tradução e interpretação encontrados nas obras consultadas pelo autor.

A palavra “reencarnação” é utilizada algumas vezes, sendo que ela inexiste na doutrina budista ou em qualquer doutrina tradicional.

A maioria dos fiéis budistas, utilizando-se de traduções aproximadas do sânscrito, do chinês arcaico e do tibetano, incorre na utilização da mesma palavra errônea para descrever o “surgimento” ou “renascimento” (*bhava*, *punarbhava* ou *punarjanma* em sânscrito, *ojô* em japonês).

Com efeito, a doutrina da “reencarnação” é moderna e ocidental. Surge de forma significativa entre os anos de 1830 e 1848 em ambientes socialistas franceses. A maioria dos revolucionários de então tinha tendências místicas acentuadas, e os nomes de Pierre Leroux e Fourier aparecem como os primeiros a enunciar tal ideia na França. Antes deles, na segunda metade do século XVIII, Lessing na Alemanha parece ter formulado as linhas gerais do que se tornaria a “doutrina” reencarnacionista.

O “samsara” (*rinne* em japonês, ciclo de “mortes e renascimentos”) não se refere à morte física e à “reencarnação” em um outro corpo, e sim aos diversos ciclos de transformações mentais pelos quais um ser humano passa ao longo de sua existência. Isso é expressamente dito em textos sagrados budistas como o Jojitsu Ron e o Maka Shikan, entre outros.

Em relação ao budismo Theravada, o autor repete um equívoco muito comum: identificar a antiga escola Sthaviravada (que quer dizer “Veículo dos anciãos” em sânscrito) com a escola homônima Theravada (que quer dizer a mesma coisa em língua Páli).

Os “theravadins”, ou seguidores do Theravada, alegam ser a continuação histórica dos chamados “anciãos” (Sthaviras) antes da separação entre esses e os Mahasamghikas ou aderentes da “assembleia universal” ou “Grande Comunidade”. No entanto, não há nenhuma prova histórica que sustente essa alegação.

Os “Sthaviras” diziam representar os mais antigos e ortodoxos ensinamentos de Buda e diziam que os Mahasamghikas eram hereges. Essa divisão entre Mahasamghikas e Sthaviras teria acontecido no 1º Concílio de Pataliputra (350 a.e.c.), concílio esse que não é comprovado historicamente, mas que é hipoteticamente visto como o momento de divisão da Sangha.

Esse concílio, que seria o terceiro, não é mencionado em nenhuma fonte canônica e também não é reconhecido pela Escola Theravada, que identifica o Terceiro Concílio com o último concílio no reino de Asoka (seria o 2º Concílio de Pataliputra, ocorrido no ano 250 a.e.c.).

A questão que teria dividido Mahasamghikas e Sthaviravadas seria relativa à natureza do Buda e a cinco pontos apresentados pelo monge Mahadeva, falando sobre as qualidades sobrenaturais de Buda. Enquanto os Mahasamghikas teriam aceitado esses pontos, os Sthaviras teriam defendido a ideia de que o Buda era um humano comum. Isso fez com que cada grupo tomasse seu próprio caminho.

Estudos recentes, no entanto, apontam que essas divergências teóricas só aparecem em fontes escritas mais de 400 anos após a suposta data da divisão. Tais estudos também apontam que os “cinco pontos” não eram conhecidos pelos antigos Mahasamghikas e que, portanto, não poderiam ter sido a causa do cisma.

Uma explicação bem mais crível é a de que a divisão se deu pelo fato de que os Sthaviras quiseram acrescentar regras no Vinaya (disciplina monástica), o que os Mahasamghikas rejeitaram.

A alegada “descendência” dos Sthaviras, defendida pela Escola Theravada, se deve ao fato de que “Sthavira” em sânscrito e “Thera” em páli significam “ancião”, porém não há nenhuma ligação histórica entre os grupos. O nome em páli foi adotado muito tempo depois como uma forma de dar “legitimidade” à comunidade nascente.

A “Theravada” que alega descender dos Sthaviras foi, na verdade, originada numa divisão ocorrida nessa ramificação e na enorme mistura de conceitos heterodoxos que foram se desenvolvendo ao longo dos séculos. A Escola Theravada nasceu mesmo no século V d.e.c., organizou seu próprio cânone utilizando o nome dos Sthaviras para dar confiabilidade à própria doutrina.

A Theravada nasceu no Sri Lanka, não na Índia. Os theravadins alegam que Buda visitou o Sri Lanka, sem nenhuma prova histórica – para apoiar as ideias de sua denominação.

Quando Mahinda, que era filho ou irmão mais novo de Asoka, foi ao Sri Lanka, lá estabeleceu a Sangha (que nada tinha a ver com o Theravada, uma vez que essa denominação ainda não existia), no início do reinado de Devanampiya Tissa (250-210 a.e.c.). O rei construiu o Mosteiro de Mahavihara na capital Anuradhapura e o Sangha (comunidade) que lá se reunia, por ser a mais antiga do país, era considerada a mais ortodoxa, servindo de modelo para outros mosteiros.

No século I a.e.c., o rei Vattagamani Abhaya construiu o mosteiro de Abhayagirivihara, em homenagem a seu amigo o monge Mahatissa. Esse era considerado, pelos monges do Mahavihara, como um violador de preceitos e foi expulso por eles da Sangha. A reação de Mahatissa foi fundar sua própria escola, a Abhayagiri, que prosperou sob proteção real, enquanto a escola Mahavihara entrou em declínio.

Os monges do Mahavihara, com medo de que seus ensinamentos fossem extintos, deram início à transcrição do Tripitaka (que, até então, só existia em forma oral).

Os monges do Abhayagirivihara tinham uma visão bem mais ampla e simbólica do que fossem os ensinamentos de Buda e ofereciam residência permanente a diversos monges que esposavam visões Mahayana.

Opondo-se a isso, os mahaviharas recorreram ao rei e tentaram fazer com que os “mahayanistas” fossem banidos. No entanto, um dos monges do Abhayagirivihara conseguiu conquistar a confiança do rei Mahasena (276-303 d.e.c.) e obteve retaliação contra os mahaviharas. O monge em questão foi assassinado por um dos partidários dos mahaviharas (um ministro rebelado) e Mahasena, assustado com a repercussão política de seu ato, resolveu mudar de política, mas não quis apoiar os Mahaviharas com seus conchavos e politicagens que causaram a morte desse monge. O rei então construiu o Jetavanavihara, e essa se tornou a terceira escola do Sri Lanka.

A ramificação Theravada só foi instituída mesmo quando o monge do sul da Índia Buddhagosa (século V d.e.c.) escreveu o *Visuddhimagga* e o presenteou aos Mahavihara. Na biblioteca ampla do Mahavihara, Buddhagosa pode compor um conjunto amplo de comentários em páli. Sua obra foi então continuada por Buddhadatta e por Dhammapala e, como resultado desses comentários, surgiu a doutrina chamada de “Theravada”, com sua respectiva denominação.

Há também uma omissão no livro quando se fala do budismo Vajrayana. Essa forma tântrica do budismo não deve ser identificada apenas com o budismo tibetano, uma vez que está presente de forma muito atuante no Japão com a Escola Shingon e a Escola Tendai, que desenvolveram formas extremamente sistematizadas de budismo vajrayana, que foram, por sua vez, recebidas pelos japoneses Saichô (767-822 d.e.c.), Kukai (774-835 d.e.c.) e Ennin (794-864 d.e.c.) na antiga cidade chinesa de Chang’an de mestres tântricos chineses como Hui Kuo, Shun-hsiao e I-chen.

Esses pontos apresentados são detalhes que em nada afetam a qualidade geral da obra que, repetimos, cumpre plenamente seu objetivo de descrever e analisar o encontro entre o budismo e as outras religiões mundiais.

Além disso, o autor apresenta os dados embasados em obras que são consideradas referências confiáveis em língua ocidental. Não sendo um livro de doutrina budista, não há razões para se frisar em demasia esses pontos.

O estilo geral é bastante claro, objetivo e conduz o leitor de forma suave pelos intrincados encontros e desencontros da história.

Em um espaço limitado, a capacidade de apresentar uma enorme quantidade de informações confiáveis é realmente um feito notável.

Indicações

O livro do Prof. Usarski deveria ser lido por todos aqueles que têm interesse em história das religiões, Ciências da Religião e em diálogo inter-religioso.

Compreender os mecanismos e processos através dos quais há a abertura para “o outro” é essencial para todo estudioso das religiões e para todo aquele que vê sentido em conhecer e dialogar com as diversas expressões culturais, sociais e filosóficas das religiões. As informações dadas pela história, nesse sentido, são de preciosidade inestimável.

Sendo uma obra única do gênero em língua portuguesa, é aquisição obrigatória para todas as bibliotecas universitárias.

Os cursos de Ciências da Religião deveriam adotar o livro como texto fundamental para o conhecimento da história do budismo e das relações entre o budismo e as outras grandes religiões mundiais.

Há uma imensa ignorância acadêmica nesse campo e, com toda a certeza, a obra do Prof. Usarski, é uma ferramenta fantástica para a mudança desse quadro.